

VOZES E LEMBRANÇAS QUE ECOAM EM NOVA IORQUE (MA): A CONSTRUÇÃO IMAGINÁRIA DE UMA CIDADE

João Antônio de Sousa Lira*

RESUMO: O presente artigo é resultado de uma pesquisa realizada na cidade de Nova Iorque-MA, no período de dezembro de 2010 a março de 2011, que teve por finalidade resgatar a História e História da Educação da cidade através da análise de relatos orais de moradores que viveram o período de 1927 a 1967. Partiu da compreensão que a História local é um instrumento essencial para o entendimento dos processos históricos de educação, pois possibilita a percepção de como as relações sociais estabelecidas ao longo do desenvolvimento da cidade refletem-se na sua educação. Diante disso, buscamos entender a construção de simbologias e significados da cidade através do tempo para assim tentarmos compreender o momento atual da educação de Nova Iorque – MA. Usamos como suporte teórico ARANHA (2006), HALBWACHS (1990), LOPES e GALVÃO (2006), NASCIMENTO e FERRO (2010), entre outros. Constatamos que a cidade de Nova Iorque, destruída duas vezes por inundações, encontrou na educação suporte para que a cultura não ficasse submersa, mas que ela gritasse nas memórias de um povo, fazendo assim ressurgir em novos tempos traços culturais vividos em tempos passados.

Palavras - chaves: História. Memória. Educação.

ABSTRACT: This article is the result of a survey conducted in New York City-MA, from December 2010 to March 2011, which aimed to rescue the History and History of Education of the city through the analysis of oral reports of residents who experience the period 1927 to 1967. Came from the understanding that the local history is an essential tool for understanding the historical processes of education, as it enables the perception of how the social relations established during the development of the city are reflected in their education. Therefore, we seek to understand the construction of symbols and meanings of the city through time to just try to understand the current situation of education in New York - MA. We use as theoretical support ARANHA (2006), HALBWACHS (1990), LOPES and GALVÃO (2006), NASCIMENTO and FERRO (2010), among others. We found that the New York City, twice destroyed by floods, found support for education in that culture would not be submerged, but she shouted in the memories of a people, thus re-emerge in new cultural traits times experienced in the past.

Key – words: History. Memory. Education.

Introdução

Sabemos que embora exista uma versão oficial para a História, ela também pode ser interpretada a partir de outras vozes, que muitas vezes permanecem apenas nas memórias. Foi o contato com outros ecos que falavam da História de nossa cidade que

* Graduando em Pedagogia pela UFPI – Campus Amilcar Ferreira Sobral – Florianópolis

nos motivou a realizar esta pesquisa. Quando a realizamos com moradores da cidade em busca de suas vivências e relatos por eles cedidos para a tessitura de uma história coletiva, não pretendemos de modo algum mostrar a verdade absoluta dos fatos, mas o ponto de vista pelos quais são analisados. Outro ponto do qual queremos frisar é que os relatos desses moradores são interpretações de suas vivências e o que se pretende mostrar neste texto é uma interpretação das memórias desse povo. Destacamos também que por uma questão de conduta ética, não citamos nomes de moradores que tivemos o privilégio de conversar para nos inteirar de fragmentos de suas memórias.

Para conservar a fidedignidade dos relatos dos moradores, utilizamos como metodologia a história oral. Segundo Nascimento e Ferro (2010, p. 17) “a prática de pesquisa histórica com a história oral possibilita uma reconstrução da memória num processo de rearranjo e negociação, em que entrevistador e entrevistado, lidam com a memória. A memória assume assim, uma posição central no trabalho investigativo”

O interesse para a realização deste trabalho veio durante uma aula de História da Educação, quando falávamos sobre história e memória, e trouxemos este tema relevante para a nossa realidade, pois como veremos nas linhas que se seguem, a memória é a principal fonte a ser investigada na cidade durante o período, pois os documentos que retratam a educação na cidade de Nova Iorque – MA, no período escolhido para esta pesquisa são quase escassos, e aqui o tempo cronológico se torna nosso inimigo quando falamos de memória, pois a cada pessoa que se vai é uma contribuição a menos para completar a moldura da história.

Antes de tudo não podemos falar de educação sem falarmos de história, uma vez que a educação se deu através de um processo histórico, e como somos seres que não escapamos da dimensão do tempo, fomos adquirindo ao longo da História as nossas crenças, costumes e valores que regem a sociedade e à medida que o tempo for passando essas vão se modificando.

Porém, para que a memória chegasse a ser um objeto de estudo da História foi trilhado um longo caminho. Segundo Aranha (2006), as concepções que existiram de “história” antes da consolidação da História como ciência foram várias, desde a história como forma narrativa nas sociedades primitivas, passando pela contribuição da filosofia como forma racional de pensar a realidade no século XI, a visão platônico-aristotélica na Antiguidade e Idade Média, a concepção marxista nascida no século XIX, e a visão de história na concepção positivista, que deu o status de ciência à História. Segundo a mesma autora, a partir de 1929 historiadores buscaram parcerias com outras ciências,

para ampliar o campo de estudo da história, movimento que ficou conhecido como “Escola dos Anais”.

De acordo com Lopes e Galvão (2001), a História no século XIX deu ênfase à história política, deixando de lado outros campos de pesquisa histórica, sobretudo a história da Educação. Segundo as mesmas é a partir de 1960 na Europa e a partir de 1980 no Brasil que o caráter inovador da história da educação se fez presente. A partir daí foram alargados os campos de pesquisa e a diversidade a ser estudado, caráter esse atribuído a “História Nova”.

Nesta mesma direção, Ferro e Nascimento (2009) afirmam que a partir do Século XX, houve mudanças significativas nas práticas de pesquisa, como a utilização de fontes verbais na pesquisa, inclusive fazendo uso de instrumentos tecnológicos como gravadores e filmadoras. A partir daí, novas interpretações e novos significados foram dados e novos conceitos, foram incorporados para ampliar a compreensão histórica de um povo, visto que, o se conhecia até então era uma História criada em modelos europeus, sendo assim, excluindo a identidade brasileira.

Foi a partir deste entendimento no que diz respeito aos temas e fontes no campo de pesquisa em História da Educação, que enfocamos neste artigo a construção da história da educação da cidade de Nova Iorque – MA, nos anos de 1927 a 1967, resgatando a memória dos moradores, com o intuito de preservar e transcrever a história de um povo. Acreditamos que a História é importante para a educação, entre outros motivos pelo fato de contribuir para a construção de significados que deram origem a uma determinada cultura que orienta uma sociedade em um determinado momento.

De início, compreendemos que com a passagem progressiva do tempo todos nós, indivíduos e grupos, completam o ciclo da vida: nascemos, crescemos reproduzimos e morremos. No caso da cidade de Nova Iorque, antes que faltassem testemunhas que viveram o período destacado, fomos resgatar a memória individual para reconstruirmos a história e história da educação a partir de relatos oral.

Segundo Maurice Halbwachs (1900), o individuo está sempre interagindo com grupos e instituições, são neste contexto de interação com a sociedade que construímos as nossas lembranças, a rememoração dessas lembranças se faz na medida em que nos relacionamos com diferentes grupos.

Segundo o mesmo autor a memória individual também é coletiva, sendo assim, essa memória tem um importante papel social que é a identidade do sujeito/comunidade

no campo histórico. O resgate dessa memória poderá contribuir para entender o momento atual político e educacional da comunidade. Uma vez entendido esse momento os profissionais da educação poderão fundamentar saberes e valores para pensar métodos embasados na história para aperfeiçoar a prática de ensino aprendizagem. Então, resgatar a memória dos moradores de Nova Iorque é resgatar a história da qual eles foram protagonistas.

Nova Iorque: Imagem de uma cidade submersa nas lembranças e emersa nas vozes dos moradores

É curioso um município brasileiro, situado no Estado do Maranhão com o nome de Nova Iorque. Esse nome foi dado ao município pelo norte-americano *Eduardo Brunet*, que fundou a cidade e homenageou a sua terra natal atribuindo o nome de Nova Iorque a cidade maranhense. Antes de a cidade chegar a esse nome foi denominada de Porto da Marimba (já que a cidade ficava situada às margens do rio Parnaíba e era ponto comercial de embarque e desembarque) e de Vila Nova.

Nós seres humanos vivemos superando nossos limites e buscando condições de vida adequadas de acordo com as nossas necessidades, e com o povo novaiorquino não foi diferente, tivemos que superar nossos limites inúmeras vezes e lutar para que as nossas raízes culturais não “submergissem”. No ano de 1925 antes mesmo de ser elevada a categoria de cidade o povoado foi invadido pelo Batalhão de *Luís Carlos Preste (Coluna Preste)*, ali permaneceram oito dias, e o povoado foi duramente saqueado. Os arquivos do Cartório do 2º Ofício, da Coletoria Estadual e os da Prefeitura Municipal foram todos incendiados em praça pública. Tudo o que sabemos desse período é por relatos orais e escritos por pessoas que ali vivenciaram o drama. Porém existiam poucas pessoas com domínio de leitura e escrita naquele tempo e muitas dessas pessoas que viveram ali já não estão mais conosco, e perdemos muitos detalhes preciosos para a construção de nossa história.

Não demorou muito para a cidade ser novamente castigada, porém dessa vez por forças naturais. Em 1926, devido uma chuva incessante o rio Parnaíba aumentou seu volume de água rapidamente, levando casas, prédios públicos, igreja, por fim tudo foi destruído pelas águas do rio Parnaíba. Os moradores, sem nenhuma ajuda de custo externo e com a prefeitura falida, nos mostraram a força da união e do companheirismo (coisas raras de se vê em dias atuais) e foram construindo uma nova cidade, e aos

poucos iam surgindo ruas, e a cidade foi se erguendo novamente. Assim, foi Elevada a categoria de cidade pelo Decreto Lei nº 45 de 29 de março de 1930, mais do que merecido, afinal após tantas tragédias o povo novaiorquino sabia realmente o significado de trabalho e união.

Mas a trajetória de sofrimento não termina por ai. Já elevada à categoria de cidade os moradores sofrem outro golpe, pois em 18 de janeiro de 1963, foi publicada no Diário Oficial da União a construção da Hidrelétrica (Barragem) de Boa Esperança, e Nova Iorque estava com seus dias contados, foi condenada a submersão. Terra berço de um povo sofredor e de uma cultura inestimável, mais uma vez seus moradores tiveram de lutar para que as raízes fincadas na história não se apagassem.

Podemos analisar na história da construção da cidade a força do homem sobre a natureza. A construção da Hidrelétrica as margens do rio Parnaíba levaria o desenvolvimento da região, porém para que esse progresso pudesse acontecer Nova Iorque foi submetida à inundação. O contraste existente entre o progresso de uma região, e a inundação de uma cidade para o desenvolvimento da região, deixou os moradores da cidade revoltados.



Foto 1: Cidade sendo inundada pelas água do Rio Parnaíba

A questão que queremos levantar neste tópico é de cunho psicológico e emocional, já que vê a cidade que foi construída com muito esforço, união e sem nenhuma ajuda de custo externo ser levada pelas águas, deixaram os moradores em estado de agonia, de desespero e revolta. Quando se faz a rememoração desses fatos

voltam à tona momentos inesquecíveis ali vividos, e ver-se claramente a eterna revolta daqueles que ali viveram.

Podemos notar na poesia de um dos filhos da velha terra Abdoral Reis, a eterna saudade e o amor por aquela cidade que os moradores estavam deixando para trás. Os versos diziam:

Adeus Nova Iorque/ Terrão velho amigo/ Sempre estou contigo/ Na glória e na dor/ Mas hoje forçado/ Tristonhos eu confesso/ De ti me despeço/ Oh! Meu grande Amor. (trecho do hino de despedida)

Os moradores foram transferidos em 1967, para outra cidade que foi planejada, rio acima e que continuou com o nome de Nova Iorque. Cabe-nos, destacar agora como era a educação da cidade dentro do recorte temporal escolhido para a realização desta reconstrução histórica, ou seja, dos anos de 1927 a 1967.

Educação: A água transborda das memórias

Como nosso intuito é mostrar um pouco da História da Educação vista da concepção e interpretação dos moradores, e diante das inundações da cidade como foi visto, as memórias desse povo transbordam de lembranças fazendo assim surgir imagens de um inestimável valor emocional. Vamos nos ater a esse tema a partir de agora.

Com uma população de maioria vaqueira, quebradores de coco e lavradores, poucos letrados viu-se a necessidade de uma formação básica. Segundo relatos orais de moradores a população aumentava e poucos sabiam ler, a maioria dos pais vaqueiros, quebradores de coco e lavradores ensinavam seus filhos apenas o sinal da cruz, por que tinham aprendido quando bocejavam e espirravam.

De uma cultura extremamente religiosa, todos eram adeptos de uma religião, e a dominante era a católica. Como poucos sabiam ler, as orações e cantos eram transmitidos pela tradição oral. Alguns moradores resumem a adoração e a louvação a Cristo e a Santos dizendo: “Naquele tempo se vivia a Religião”.

As esposas de fazendeiros, mais conhecidas como Patroas, tinham um grau de informação mais elevado, e ficavam responsáveis pelo ensino do catecismo, ensinavam a seus filhos e aos filhos de alguns agregados, dogmas como a criação do mundo, devoção aos santos, festas culturais como reis, rodas de São Gonçalo, boi estrela, burrinhas, entre outras manifestações.

Quanto à educação formal existiam duas escolas na cidade, uma estadual de nome Grupo Escolar Anália Neiva e outra municipal. Os moradores preferiam dizer a “escola do rico e a escola do pobre”. Isso porque os filhos de homens de poder estudavam na escola estadual e os filhos de homens pobres na escola municipal Senador Neiva, cujo apelido era “rasguete”. Podemos notar certa dicotomia entre as camadas sociais. Concordando com Brandão (2007) quando diz que o ideal da educação é reproduzir uma ordem social, sendo assim o filho do rico será rico, o filho do pobre será pobre. Essa diferença entre rico e pobre, branco e negro é uma realidade ainda hoje vivenciada em varias culturas.

E quanto ao professor? Pois bem, o professor era aquela figura admirada e respeitada pela sociedade, isso fica claro quando os moradores entrevistados, aqueles que moraram na velha cidade diziam “Os professores eram o espelho da sociedade”. O mais interessante e que alguns professores da época tinham a formação mínima do primário, outros eram normalistas, em fim fica claro o despreparo dos professores, mesmo assim lecionavam com amor a profissão apesar de no começo não saberem muito bem o significado de ensinar. De acordo com os relatos de moradores os métodos de abordagem educacional eram tradicionais, com direito a palmatória, castigo em grão de milho, e sabatina aos sábados.

A formação oferecida pelas escolas da época era só a primaria de 1ª a 5ª série, inexistia ginásio e segundo grau na cidade, porém o ensino primário da cidade era de ótima qualidade e conhecido com prestígio e respeito na região por ser um dos melhores. A coleção de livros utilizados para a educação primaria era a coleção “Gaspar de Freitas”, inexistente em dias atuais. O método utilizado para avaliações eram provas dissertativas, pois segundo os professores que lecionavam na cidade estimulavam os alunos a ler.

Como na cidade só existia o primário, as pessoas da época com maior poder aquisitivo colocavam seus filhos para estudar na cidade de Floriano – PI, também as margens do rio Parnaíba. Segundo Guareschi (2005) da diferenciação no saber origina-se a divisão social do trabalho; da divisão social do trabalho origina-se a divisão de classes. Pois bem, como poucos tinham oportunidade de continuar seus estudos, restavam a eles trabalhos como os de vaqueiros, domésticas, lavradores, quebradeiras de coco, entre tantas outras, que na maioria das vezes não tinham nenhuma remuneração.

A cidade era um dos principais pontos comerciais da época, ponto de embarque e desembarque de mercadorias, e segundo moradores existiam pequenas indústrias de arroz, tecidos e principalmente de cera de carnaúba (árvore nativa da região) e outras especiarias. Porém apesar disso a circulação de moedas era pequena na cidade. Devido a não ter muitos assalariados para fincar um compromisso os moradores, por exemplo, faziam enormes compras em mercearias, que iriam pagar dali a um ano, esse pagamento era feito com produtos como arroz, algodão, feijão, coco babaçu entre outros produtos produzidos ali mesmo.

Não há como não falar da divisão de classes na cidade, pois era muito explícito a diferenciação de pobres e ricos, de negros e brancos, por exemplo, pra se ter ideia existia na cidade dois clubes de festas o Clube do Cassino e o Clube União, o primeiro só quem podia frequentá-lo eram os brancos e o segundo só os negros. E quando perguntamos o porquê dessa divisão da cor de pele, os moradores não sabiam responder ao certo e só diziam que quando nasceram já era assim e que gostavam do modo de vida que levavam, pois eram felizes. Podemos notar que a tradição cultural foi repassada para as novas gerações deixando a sociedade por muito tempo em status quo.

Datas especiais como a Proclamação da República e Independência era comemorada pelas escolas com grande satisfação e faziam-se desfiles pelas principais ruas da cidade com carros enfeitados levando crianças vestidas de “ícones da história brasileira” como Dom Pedro I, Princesa Isabel, entre outras personalidades que marcaram. Além disso, as escolas se incumbiam de fazer dramatizações com seus alunos em praça pública.

Existia a valorização de manifestações culturais como a festa de Santos Reis, cantigas de rodas e entre elas roda de São Gonçalo, São Benedito, e que segundo moradores eram bastante frequentadas.

Podemos notar nas entrevistas realizadas com moradores a divisão da responsabilidade social pelas instituições, ou seja, a instituição escolar se incumbia de oferecer uma formação primária desenvolvendo a escrita, leitura e outras áreas do conhecimento nas crianças. A igreja se responsabilizava pela formação moral cristã dos cidadãos embasados nos ensinamentos bíblicos. A família era a base de tudo e ajudava tanto na formação moral cristã como na formação escolar de seus membros. Um fato relevante que queremos citar é que segundo moradores a faixa etária média de idade que as crianças começavam a frequentar a escola era de 12 anos, sendo assim podemos concluir que a cidade tinha um alto índice de analfabetismo infantil e conseqüentemente

de analfabetismo em termos gerais, devido ao modo de vida dos moradores, que eram na sua maioria sertanejos e tinham que trabalhar para sobreviver, sendo assim estudavam aqueles que tinham tempo livre, ou seja, os filhos de homens ricos. Diante dessa interpretação realizada das vivências dos moradores podemos compreender que a história local não é um fim em si mesmo, como diz Bittencour:

“A história do “lugar” como objeto de estudo ganha necessariamente, contornos temporais e espaciais”. Não se trata (...), de entendê-los apenas na história do presente ou de determinado passado, mas de procurar identificar a dinâmica do lugar, as transformações do espaço, e articular esse processo às relações externas, a outros “lugares”. (BITTENCOUR, 2004, p.172)

Considerações finais

É importante ter consciência que a história local, juntamente com a história educacional, promove a valorização da identidade cultural de uma sociedade, pois é um instrumento essencial para a aprendizagem dos processos históricos de educação, possibilitando a aproximação das relações sociais estabelecidas durante o decorrer da história.

Sendo assim, podemos entender melhor porque em dias atuais ainda realizamos algumas manifestações culturais que foram trazidas da velha cidade para a Nova Iorque reconstruída, em termos estrutural e cultural. Assim, foram preservadas algumas festas religiosas como o festejo de Santo Antônio e criados na cidade outras festas culturais como o festival do caju e o festival de quadrilhas. E isso só foi possível por que houve a necessidade mesmo que inconsciente de seus organizadores de não deixar ser sufocada a história da cidade, e nisto a escola teve um importante papel, ao trazer para seu cotidiano estas festividades.

De uma cultura classicista e significativa na construção da história da cidade, a memória foi por muito tempo esquecida, e para que não sejamos uma comunidade sem face, seria interessante que a comunidade estudasse a sua história, e isso vale para todas as sociedades, pois sem lembrar o passado que por muito foi esquecido e oculto a uma história política seria impossível entendermos as simbologias que nos cercam.

Um dos trechos do Hino Municipal da Cidade diz “*sempre em frente amados viventes*”¹, e foi isso que o povo novaiorquino realmente fez, sempre prosseguiu perante

¹ Trecho do Hino Municipal da cidade

as dificuldades, e só foi possível porque “*Os teus filhos são homens valentes que caminham em busca da paz*”. O que queremos dizer é que conhecendo e entendendo a história da cidade é que foi possível a construção de símbolos como o Hino Municipal, a Bandeira Municipal e tantos outros símbolos que fazem parte da nossa cultura, e os significados desses símbolos só são possíveis conhecendo a História e História da Educação.

Uma vez entendido o processo que se deu a educação na cidade de Nova Iorque, e a construções de suas simbologias, educadores e professores poderão aperfeiçoar suas praticas de ensino recorrendo sempre a História da Educação. O que foi mostrado aqui é apenas uma pequena parte das varias interpretações existentes sobre a educação e suas finalidades no período de 1927 a 1967 e que emergiram das vozes e na memória de seus cidadãos.

Referências

ARANHA, Maria Lucia de Arruda. **História da Educação e da Pedagogia: Geral e do Brasil**. São Paulo: Moderna, 2006.

BITTENCOURT, Circe; KARNAL, Leandro. **Identidade nacional e ensino de História do Brasil: História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas**. São Paulo: Contexto, 2004.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é Educação**. São Paulo: Brasiliense, 2007.

GUARESCHI, Pedrinho. **Psicologia Social Critica: como prática de libertação**. Porto Alegre: Edipucrs, 2005.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo, 1990.

LOPES, Eliane Marta Teixeira; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **História da Educação: Uma disciplina, um campo de pesquisa**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

NASCIMENTO, Francisco de Assis de Sousa; FERRO, M^a do Amparo Borges. Pesquisa Qualitativa: história oral das investigações das histórias de vida, In: FERRO, M^ado Amparo; NASCIMENTO, Francisco de Assis Sousa; SOUSA, Lourenilson Leal de. **História da Educação: novos olhares, velhas questões**. Teresina: EDUFPI, 2009.